

José Guilherme Franco Gonzaga[1]
Annie Mehes Maldonado Brito[2]
Jonas Anderson Simões das Neves[3]
Carla Valeria Leonini Crivellaro[4]

Círculo de Saber 04: Formação Inicial e Continuada de Professores

Palavras-chave: Educação do Campo; Escola da Terra; Formação de Professores.

Introdução

A Educação do Campo no Brasil constitui-se como resultado das lutas sociais empreendidas por povos, comunidades e movimentos que reivindicam uma educação vinculada à realidade dos territórios, onde a escola, como construtora de futuros, seja como a casa destes povos e não como a casa alheia. Ao longo das últimas décadas, políticas públicas como o Programa Escola da Terra, Saberes Indígenas na Escola e outros buscaram atender de forma específica às escolas do campo, quilombolas e indígenas, reconhecendo suas particularidades pedagógicas, sociais e culturais

O Programa Escola da Terra, em especial, surge como resposta à necessidade de formação de professores que atuam em escolas multisseriadas e em contextos de vulnerabilidade. No estado do Rio Grande do Sul, sua implementação no Bioma Pampa ofereceu um espaço privilegiado para refletir sobre metodologias formativas, desafios cotidianos e possibilidades de resistência.

Este resumo expandido propõe-se a analisar a experiência do Projeto Escola da Terra no Pampa, a partir do Relatório Final elaborado pela equipe

[1] Doutor em Educação, Docente da Unipampa - Curso de Educação do Campo. E-mail: josegonzaga@unipampa.edu.br
[2] Doutora em Psicologia, Docente da Unipampa - Curso de Educação do Campo. E-mail: anniebrito@unipampa.edu.br.
[3] Doutorado em Educação em Ciências, Docente da Unipampa - Curso de Educação do Campo. E-mail: carlacrivellaro@unipampa.edu.br.
[4] Doutorado em Sociologia, , Docente da Unipampa - Curso de Educação do Campo. E-mail: jonasneves@unipampa.edu.br.

pedagógica. Busca-se compreender as aprendizagens e os impactos desse processo, discutindo suas contribuições para a Educação do Campo e para a valorização dos saberes locais.

Educação do Campo como direito dos povos, dever do Estado e Compromisso da Comunidade

A concepção de Educação do Campo defendida por Caldart (2004) e Arroyo (2012) fundamenta-se na articulação entre escola, território e identidade camponesa. Trata-se de uma educação que não apenas acontece 'no campo', mas que pertence ao campo, portanto uma Educação **DO** CAMPO, a partir de seus sujeitos e de seus modos de vida.

Nesse sentido, Begnami (2020) destacam o papel da formação em alternância como estratégia metodológica capaz de articular os tempos-escola e os tempos-comunidade. Tal perspectiva se aproxima da ideia freiriana de práxis, entendida como ação-reflexão-ação transformadora (Freire, 1996).

Além disso, autores como Molina; Santos; Michelotti; Sousa (2014) reforçam a importância da agroecologia e da memória biocultural como dimensões indissociáveis da formação docente no campo. Essas práticas não apenas fortalecem a soberania alimentar, mas também constroem identidades resistentes diante da homogeneização cultural e econômica, imposta por um modelo que privilegia o agronegócio.

Assim, o marco teórico que orienta a análise aqui apresentada está ancorado na tríade: práxis pedagógica, pertencimento territorial e diálogo de saberes.

Metodologia

Este estudo assume abordagem qualitativa, baseada na análise documental. A fonte principal é o Relatório Final do Projeto Escola da Terra no Pampa (2023–2024), elaborado coletivamente pela equipe pedagógica do programa.

O documento foi examinado à luz de categorias definidas previamente: (i) perfil das cursistas, (ii) metodologia formativa, (iii) produções pedagógicas, (iv) desafios enfrentados e (v) impactos gerados. A análise buscou relacionar os dados



do relatório com a literatura sobre Educação do Campo, de modo a evidenciar tanto especificidades da experiência quanto sua relevância mais ampla.

Perfil das cursistas

As cursistas eram em sua maioria professoras mulheres, atuando em escolas multisseriadas e em comunidades rurais do Bioma Pampa. O perfil revela trajetórias marcadas pela precariedade estrutural, pela necessidade de multihabilidades pedagógicas e pelo compromisso com a manutenção da escola do campo em territórios muitas vezes negligenciados pelas políticas públicas. Territórios nos quais a escola, quase sempre, é a única instituição do Estado.

A metodologia formativa

A formação pautou-se pela pedagogia da alternância, alternando tempos de encontros presenciais com professores da Universidade e tempos Escola/Comunidade, compreendendo o trabalho pedagógico como princípio formativo. O inventário da realidade constituiu-se como instrumento inicial para que cada professora mapeasse as condições de sua escola e de sua comunidade. A cartografia social e as espirais do conhecimento complementaram o processo, permitindo a sistematização das práticas pedagógicas e dos saberes locais.

Além disso, destacou-se a incorporação de práticas de cuidado e autocuidado com “gente que educa gente”, buscando o fortalecimento coletivo, reconhecendo que o bem-estar docente é condição para uma prática pedagógica crítica e criativa.

Produções pedagógicas e intercâmbios

Um dos resultados mais expressivo foi o reconhecimento de práticas da educação popular, utilizadas pelos movimentos sociais, como forma de integração da Escola com a Comunidade, em especial no que diz respeito: à Cartografia Social como forma de sistematizar a escuta coletiva proporcionada pelo inventário da realidade, ampliando o reconhecimento da comunidade como espaço educativo; às arpilleras como arte de costurar escritas de histórias de resistência e o quadro de



sementes na estética do registro da memória biocultural e o resgaste da biodiversidade.

Outro destaque foi o seminário de culminância, que reuniu educadoras, universidades e movimentos sociais. O evento consolidou redes de intercâmbio, inclusive internacionais, demonstrando a capacidade do programa de articular experiências diversas.

Obstáculos e estratégias de superação

Entre os principais desafios enfrentados estiveram as emergências climáticas que atingiram o estado durante o período de formação. Enchentes e secas impactaram diretamente a vida das comunidades e exigiram a reorganização das atividades do curso.

Também se evidenciaram obstáculos estruturais, como falta de transporte escolar adequado, carência de materiais pedagógicos e ausência de políticas permanentes de valorização da escola do campo.

Impactos

Os impactos observados abrangem dimensões pedagógicas, sociais e políticas. No campo pedagógico, houve fortalecimento da identidade docente e valorização de metodologias ativas, críticas e criativas. No campo social, o programa reforçou vínculos entre escola e comunidade, ampliando a legitimidade da escola do campo.

Politicamente, a experiência contribuiu para reafirmar a necessidade de políticas públicas permanentes voltadas à Educação do Campo, apontando para a criação de uma rede de resistência em defesa da vida no Pampa.

Ainda assim, a criatividade docente e o apoio mútuo foram apontados como estratégias fundamentais para a continuidade do processo formativo.

Considerações Finais

A experiência do Projeto Escola da Terra no Pampa demonstra que a Educação do Campo, quando articulada a metodologias participativas e ao diálogo

de saberes, fortalece não apenas a prática pedagógica, mas também os processos de identidade e resistência comunitária.

Os resultados analisados apontam para a relevância da pedagogia da alternância e da produção coletiva de materiais didáticos contextualizados como práticas capazes de transformar a escola em espaço de emancipação.

Todavia, persistem desafios significativos, sobretudo no que tange às condições estruturais e à necessidade de políticas públicas permanentes. O enfrentamento das mudanças climáticas, cada vez mais intensas, impõe novas responsabilidades e possibilidades à escola do campo.

Desta forma, ressalta-se o destaque dado pelas participantes para as formações referentes ao processo de “cuidado e auto-cuidado”, em especial, no que se refere à sensibilização para que as professoras pudessem se perceber como sujeitas de suas próprias emoções, como condição fundamental para a emancipação.

Conclui-se que a continuidade e a ampliação de experiências como o Programa Escola da Terra são fundamentais para a construção de uma educação que seja, de fato, **DO** campo, capaz de afirmar o Pampa como território de vida, cultura e futuro.

Referências bibliográficas

ARROYO, M. G. Escola, territórios e resistências. São Paulo: Vozes, 2012.

BEGNAMI, João Batista. Insubordinações Epistêmico-Políticas: a emergência da Educação Intercultural no contexto da Educação Matemática Crítica. 2020. 320 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, 2019.

CALDART, R. S. Pedagogia do Movimento Sem Terra. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

FREIRE, P. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MOLINA, M. C.; SANTOS, C. A.; MICHELOTTI, F.; SOUSA, R. P. (orgs.). Práticas contra-hegemônicas na formação dos profissionais das Ciências Agrárias: reflexões

sobre Agroecologia e Educação do Campo nos cursos do Pronera. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2014.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA, Relatório Final do Projeto Escola da Terra – Dom Pedrito, 2024.